

Vestígios de um lugar próprio: Religiosas Francesas no Brasil

Paula Leonardi*
leonardi.paula@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta e discute os vestígios de um lugar próprio construído por religiosas da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, uma instituição francesa que se instalou no Brasil no início do século XX. A partir de textos produzidos por padres para compor a memória oficial da instituição e de textos escritos pelas próprias freiras e que permaneceram nas margens da história oficial, procuro, na interseção dessas produções, como essas mulheres se viam e como se posicionavam em relação aos padres e bispos com os quais se relacionavam.

Palavras-chave: religiosas, freiras, memórias, congregações católicas.

Abstract: This article presents and discusses the tracks of an own place built by nuns of the *Congrégation de Notre Dame du Calvaire*, a French institution that settled in Brazil in the beginning of the century XX. Starting from texts produced by priests for to compose the official memory of the institution and of texts written by the nuns and that it was in the margins of the official history, I seek, in the crossing of those productions, as those women saw themselves, and as they positioned in relation to the priests and bishops.

Key-words: nuns, memoirs, Catholic congregations.

Lendo as memórias

Quando buscava, em 2006, documentos no interior dos arquivos de congregações católicas sobre sua vinda para o Brasil, deparei-me com uma imensa quantidade de memórias, crônicas, biografias, cartas, anais, circulares e livros sobre a história dessas instituições¹. De fato, essa produção é comum em congregações católicas muito antes do século XIX, quando a congregação em estudo neste artigo teve origem. Mas, em meio a esse emaranhado de fios que pareciam repetir insistentemente as mesmas histórias, os mesmos exemplos e imagens idealizadas, é possível distinguir dois conjuntos de textos. O primeiro deles composto por textos

* Pós-doutoranda Faculdade de Educação – USP / Fapesp.

¹ Sobre esse assunto ver também Leonardi, “Além dos espelhos”, 2010. No momento da coleta desses dados, a pesquisa foi financiada pela CAPES.

destinados a difundir a memória oficial das congregações e que eram escritos, sobretudo, por padres. Já o segundo conjunto continha textos que poderiam ou não servir de fonte para essas memórias oficiais e, entre eles, estavam as cartas e as crônicas das irmãs ou religiosas. Muitas vezes, os padres, narradores e historiadores oficiais da congregação se utilizavam dessas crônicas e cartas, se apropriavam de seu conteúdo utilizando-o, sob outra forma, nos textos oficiais.

Na interseção dessas duas produções é possível procurar por vestígios de um lugar próprio buscado por aquelas mulheres que fizeram parte destas instituições. É na leitura desses conjuntos de textos que este artigo se foca tomando dois momentos significativos da história da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário: suas origens na França, na primeira metade do século XIX, e sua instalação no Brasil, no início do século XX.

Mas, em que medida essas memórias oferecem essa possibilidade de pesquisa?

O primeiro contato com textos de uma congregação produz no leitor a sensação de que se lê sempre a mesma coisa. Os textos parecem repetir, insistentemente, as mesmas histórias, os mesmos exemplos, as mesmas imagens e cenários². A esse respeito, BOUREAU (1993: 10) explica que o paradoxo do Cristianismo é que “o acontecimento fugidio e capital (a vinda de Deus sobre a terra) deve se transformar em duração (duração do comentário perpétuo, duração da repetição: os santos imitam em sua vida a narrativa primária)”³. A obrigação da lembrança do Cristo no Catolicismo leva a uma produção de textos que se volta para um constante e ininterrupto recordar e para a repetição da narrativa nas lendas e vidas de santos. Em menor medida, esta repetição aparece também na vida de religiosos comuns, em suas crônicas ou elogios fúnebres⁴.

Diante da grande produção de texto durante o século XIX, LANGLOIS afirmou que as congregações tomaram consciência progressivamente da necessidade de guardar suas memórias já que, em momentos de mudança, o que retinham de suas histórias eram suas origens.⁵ Talvez mais do que guardar estas memórias, o que já acontecia em séculos precedentes, a imensa produção estivesse mais ligada a escrita de memórias pessoais tomadas para a composição dos textos oficiais, conforme mencionei acima. Talvez essas congregações também tenham tomado consciência de que na reescrita constante de sua história estava a possibilidade de atualizar a própria instituição. Assim, crônicas, biografias e relatos das fundações foram produzidos. Esses textos correspondem à imagem que a Congregação quer

² Todas as traduções do francês contidas no texto foram feitas por mim, livremente.

³ A. BOUREAU, *L'événement sans fin*, p.10.

⁴ É possível observar isso também para o caso de congregações masculinas, como os Missionários de Nossa Senhora de Sion ou ainda os Padres de Nossa Senhora da Salette.

⁵ Cf. C. LANGLOIS, *Le catholicisme au féminin*.

passar de si para um público interno e também externo. Portanto, trata-se de um conteúdo extremamente controlado e cheio de censuras.

Mesmo os materiais de circulação interna, como as crônicas e as cartas, sofriam censura. Na Congregação da Sagrada Família de Bordeaux podemos ler nas Regras a orientação para a escrita das cartas anuais:

Quanto às coisas que não conviria dar conhecimento a todo mundo, e das quais seria bom, entretanto, conservar a memória, elas [as superiores] as escreverão separadamente em uma nota confidencial com todos os detalhes e todo o cuidado possíveis; mas elas não dirão nada disso na narração destinada a ser publicada; ou ainda, elas não dirão nada que não seja de natureza a edificar; e quanto às coisas que concernirão às pessoas estranhas às Obras da Associação, elas as contarão de tal maneira que não possam constranger quem quer que seja nem produzir algum mau efeito, seja na Casa ou na cidade mesma onde foram escritas, seja em qualquer lugar, de modo que possam ser lidas publicamente.⁶

As regras dessas congregações não diferiam em seus aspectos gerais e, portanto, olhar as congregações por dentro, mesmo que através de textos produzidos pelas irmãs para elas mesmas, é adentrar em um mundo com sérias censuras. Enveredar pela forma como as freiras se compreendiam, como pensavam sua instituição, suas ações, e a reinventavam, é esbarrar constantemente em silêncios ou, pior ainda, em textos produzidos somente pelos padres. Destinados a uma circulação interna ou para o público externo, todos esses textos tinham por objetivo a *edificação* da Congregação, palavra que abrange os significados de construção, elevação, criação. Enfim, são documentos/monumentos⁷ que erigem imagens e representações.

Nas narrativas das congregações se constrói a memória coletiva do grupo que, para HALBWACHS⁸, é produtora da própria sociedade na medida em que lhe fornece sentido. HERVIEU-LÉGER lembra que:

No caso da memória religiosa, a normatividade da memória coletiva se encontra redobrada pelo fato de que o grupo se define, objetivamente e subjetivamente, como uma linhagem crente. Ele se constitui e se reproduz, portanto, inteiramente a partir do trabalho da memória que alimenta esta autodefinição.⁹

A construção da Igreja dá-se, justamente, pelo fato de um grupo humano se reconhecer como parte de uma descendência - em parte pelas lembranças do

⁶ SAINTE FAMILLE DE BORDEAUX, 1851 *Règles générales des associées de la Sainte-Famille, Introduction*, p.334.

⁷ Cf. M.FOUCAULT, *Arqueologia do saber*. J.LE GOFF, *História e Memória*.

⁸ Cf. M.HALBWACHS, *La mémoire collective*.

⁹ D.HERVIEU-LÉGER; J.-P.WILLAIME, *Sociologies et religion*, p.180.

passado divididas com outros, e que se sente responsável por transmiti-la. Essa autora sublinha o caráter essencialmente normativo da memória religiosa, normatividade que caracteriza toda memória coletiva: um trabalho de triagem, seleção, esquecimento e mesmo invenção. Essa memória, movediça e evolutiva, funciona como regulação da lembrança individual.

Mesmo diante desse caráter normativo, ao me deparar com uma produção tão grande de recordações, eu não podia deixar de indagar sobre o caráter criativo da produção da memória, da mudança possível na própria imagem da Congregação e da freira, já que para a sobrevivência e manutenção da instituição é necessária sua atualização.

A esse respeito, no prefácio de um dos textos que narra a vida do fundador da Nossa Senhora do Calvário, irmã Geni Zago, superiora geral da Congregação em 2000, fala sobre a necessidade de uma *refundação* para

mergulhar no oceano de suas Origens que guardam os sonhos dos Fundadores. Com eles, concentra seu olhar no Calvário, aprofunda a contemplação e retoma a Espiritualidade, o Carisma e a Missão. Reencantada pela beleza desses tesouros originais, cria instrumentos de partilha e comunicação.¹⁰

A imagem da Congregação é aí retomada, revivida e, ao mesmo tempo, reconstruída como memória coletiva. É no próprio movimento dessa construção que as brechas aparecem. Assim, tanto memórias oficiais como aquelas das margens oferecem, nos silêncios e nas insinuações, a oportunidade de encontrar a posição tomada ou buscada pelas religiosas. Para COSTA,

o movimento para dentro e para fora das representações/discursos não gera negatividade, mas, ao contrário, uma positividade que também fala dos investimentos particulares do sujeito (materiais, emocionais, libidinosos) em posições discursivas a partir das quais se experiencia o mundo.¹¹

Se nos documentos oficiais a memória coletiva é elaborada e através dela são transmitidas imagens representando sensações, ideologias, valores e preconceitos a serem imitados, a vinda das irmãs para o Brasil certamente afetou as imagens que carregavam consigo, afetando também sua reprodução. E, se a espiritualidade evoluiu com a composição autobiográfica, conforme demonstrou CERTEAU, os textos escritos pelas freiras, as dificuldades encontradas em outro país, os hábitos diferentes, enfim, todos os confrontos culturais vividos em meio às tentativas de

¹⁰ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Padre Pedro Bonhomme*.

¹¹ C.L.COSTA, O sujeito no feminismo: revisitando o debate. In: *Caderenos Pagu*, p.67.

recordar e imitar, podem ter levado também a uma modificação e releituras da própria espiritualidade, da espiritualidade da Congregação e da reorientação de seus trabalhos¹². CERTEAU também destaca as possibilidades daquele que conta a história de interferir na forma como ela é recordada, como no caso da crônica escrita por uma das irmãs que vieram para o Brasil, narrando a viagem e a vida no país¹³.

Assim, neste artigo, tomo como foco central alguns textos da Congregação de Nossa Senhora do Calvário de Gramat produzidos em dois momentos significativos da história desta instituição: o primeiro, a fundação da Congregação na França (durante o período conhecido como aquele da feminização do Catolicismo) e na morte de seu fundador; e o segundo, sua instalação no Brasil no início do século XX durante o ultramontanismo. Confrontando textos escritos por padres aos textos e falas das freiras nesses dois períodos, procuro os vestígios da construção de um lugar próprio para estas mulheres em relação aos padres, bispos e proprietários de terras diante dos quais se posicionavam e com os quais se relacionavam. Se *“as identidades podem ser positivamente produzidas nas margens, nos space-off e nos interstícios das estruturas e dos discursos dominantes”*¹⁴, seguindo o que sugere COSTA, esboço uma *cartografia de lugares* para tentar expor, através dos vestígios deixados nestes textos, também, os processos de criação das diferenças.

Da França para o Brasil, primeiras aproximações

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário de Gramat teve suas origens nesta pequena cidade do sudeste da França em 1833, participando do que LANGLOIS¹⁵ denominou *feminização* do Catolicismo durante o século XIX.¹⁶

Tratava-se de uma congregação que na França era voltada, sobretudo, para a educação¹⁷. Mas, desde as leis sobre o ensino, instauradas na Reforma Jules Ferry (1880-84), as congregações docentes estavam ameaçadas de perderem suas

¹² Cf. M.CERTEAU, *La fable mystique*.

¹³ Cf. M.CERTEAU, *A invenção do cotidiano*.

¹⁴ C.L.COSTA, O sujeito no feminismo: revisitando o debate. In: *Caderenos Pagu*, p.78.

¹⁵ Cf. C.LANGLOIS, *Le catholicisme au féminin*.

¹⁶ Com relação a feminização do Catolicismo, trata-se da entrada de mulheres em grande quantidade para a chamada *vida religiosa*. Essa feminização revelava-se em um modelo de organização que se tornou dominante durante o século XIX, a saber, as Congregações com superiora geral. Essas instituições tinham a possibilidade de se desenvolver em diversos lugares, mas sempre ligadas à superiora geral e a uma sede, chamada Casa Geral ou Casa Mãe, de onde emanavam todas as ordens e decisões sobre os rumos da Congregação: recrutamento, trabalhos assumidos, compras de prédios etc. Sobre a feminização do Catolicismo no Brasil, cf. M.J.Rosado-NUNES, *Freiras no Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*.

¹⁷ Conforme relatórios da Congregação, em 1906 a instituição possuía somente 37% de suas casas voltadas para outras atividades que não o ensino.

escolas. A Reforma delimitava o campo de ação das instituições, obrigando-as a solicitarem uma autorização junto ao ministério de Cultos para manterem o funcionamento de suas escolas. Embora sua aplicação tenha sido branda, no início do século XX duas outras leis foram publicadas, sendo uma em 1901 e outra em 1903. A primeira ratificava as obrigações anteriormente exigidas e a segunda proibia qualquer tipo de ensino oferecido por congregações católicas. Foi nesse contexto que muitas instituições enviaram irmãs para outros países, o que alguns autores denominam o exílio das congregações.¹⁸ As irmãs calvarianas vieram para o Brasil nesse contexto.

Ao mesmo tempo, o Brasil favorecia a instalação de congregações estrangeiras no país como um dos meios de implementar a política ultramontana. Entre as medidas tomadas para o processo de reforma da Igreja no Brasil estava a instalação de seminários e escolas, organização de associações para o estímulo de novas devoções a fim de combater aquelas desenvolvidas entre o povo, fundação de jornais e periódicos e ampliação do clero através da vinda de congregações estrangeiras para o país¹⁹. Para BEOZZO, a romanização significou também uma europeização do clero, ao procurar introduzir no país ordens e congregações vindas do velho continente que restituíssem a hierarquia e submissão a Roma, combatessem os ideais iluministas e que trouxessem novas devoções a fim de substituir o Catolicismo popular não hierárquico e pouco ligado aos cultos da Igreja e aos sacramentos²⁰.

Alguns bispos brasileiros, conhecendo a situação em que se encontravam algumas congregações docentes francesas e respondendo a apelos do papa, trabalharam a favor da vinda de religiosos para o Brasil.²¹ Possivelmente, Dom Nery, então bispo de Pouso Alegre, com quem as irmãs travaram negociações, estava informado dessa situação.

Assim, nesses contextos de mudanças significativas, é que procuramos os lugares das irmãs construídos nos textos e no próprio processo de escrita: primeiro na fundação com a entrada de grande número de mulheres para a vida religiosa e, depois, em sua vinda para o Brasil no contexto da romanização.

Nas origens, à sombra do fundador?

Tanto a data de fundação como a escolha de um fundador ou fundadora passam por várias negociações e até mesmo modificações ao longo dos anos, em função de uma releitura constante das congregações a respeito de suas origens e

¹⁸ Cf. P.CABANEL; J.D.DURAND, *Le grand exil des congrégations religieuses françaises*.

¹⁹ Cf. S.MICELI, *A elite eclesástica brasileira*.

²⁰ Cf. J.O.BEOZZO, et all. *História da Igreja no Brasil*.

²¹ Cf. P.CABANEL; J.D.DURAND, *Le grand exil des congrégations religieuses françaises*.

do uso da memória como manutenção e reconstrução da própria instituição. Ao comparar as notícias do século XIX com as atuais, LANGLOIS encontrou, dentre as quase 400 congregações pesquisadas, ao menos 20 casos nos quais os fundadores não eram mais os mesmos²². Esse autor explica que as congregações femininas, ao alcançarem certa maturidade, lançavam-se a uma reapropriação de suas origens, operando uma desclericalização e colocando as fundadoras em primeiro plano²³.

Entretanto, este não foi o caso da Nossa Senhora do Calvário, cujas escolhas feitas ao longo do século XIX não se alteraram. O fundador, padre Pierre Bonhomme, continua sendo o padre que conduziu a experiência inicial e, nos primeiros textos produzidos sobre a história da Congregação, escritos por padres, a história da instituição é contada através de sua vida. A primeira obra foi publicada em 1892, de autoria do cônego MONGRELET, capelão da comunidade à época²⁴. Somente nas décadas de 1980 e 1990, biografias produzidas pelas próprias irmãs a respeito das primeiras freiras também passaram a figurar na construção dessa memória oficial.

Como aparecem as irmãs em relação ao fundador nas primeiras obras, narradas por padres?

Os textos que contam os primeiros anos da instituição através da vida de Bonhomme seguem o modelo hagiográfico geral (eleição, santificação pelas obras, glorificação *post mortem*²⁵.) Essa estrutura provoca no leitor a impressão de que, a maneira de um espelho, lê as mesmas coisas. O fundador figura aí como pároco extremamente ativo, pregador e *pescador de homens*. Foi com suas pregações em missões que conseguiu arrebanhar as jovens que formaram a Congregação.

Entretanto, no início do século XX, em 1928, chama a atenção o fato de Dom Joseph Giray, bispo de Cahors, solicitar ao cônego Maurel a reescrita da história da Congregação “*salientando a colaboração especial, tão ativa e tão fecunda, de duas madres fundadoras. Foi o que eu tentei fazer*” – conta o autor – “*de duas superiores que deveriam, durante trinta anos, continuar e aperfeiçoar a obra tão modestamente iniciada em 1833*”²⁶.

Não se pode esquecer que o auge da entrada de mulheres para a vida religiosa na França foi durante a década de 1880.²⁷ A Igreja, procurando recuperar

²² Cf. C.LANGLOIS, *Le catholicisme au féminin*.

²³ A predominância das fundadoras é nítida. Entre as quase 400 congregações pesquisadas por LANGLOIS, 41% atribuem sua fundação a mulheres, 32% a fundadores e 26% a fundações mistas. Entre 1800 e 1820, predominam as fundadoras. Entre 1820 e 1850, o equilíbrio foi reestabelecido entre fundadores e fundadoras. Depois de 1850, o primeiro papel passa para as fundadoras novamente.

²⁴ B.MONGRELET, *La vie de l'abbé Pierre Bonhomme*. A publicação brasileira foi feita pelas Edições Loyola e é esta edição que utilizo para as citações.

²⁵ Cf. A.BOUREAU, *L'événement sans fin*.

²⁶ P.MAUREL, *Presença do jeito de Maria no Calvário*, p.10.

²⁷ Cf. C.LANGLOIS, *Le catholicisme au féminin*.

espaços políticos perdidos desde a Revolução Francesa, através da nomeação de bispos romanizados, tratava de capitalizar os impulsos piedosos de várias mulheres que pretendiam entrar para uma congregação e, ao mesmo tempo, ter uma vida ativa. Acompanhando de perto o desenvolvimento de uma congregação, bispos e padres cuidavam para difundir-la e, assim, atrair mais jovens. Daí a necessidade de fornecer exemplos de outras mulheres já presentes na congregação. O início do século XX foi um momento chave nessa difusão.

O padre Maurel foi o responsável por redigir a obra em que as histórias das irmãs teriam mais espaço. A posição do fundador em relação a elas não se modifica substancialmente nessa obra. O autor afirma que Bonhomme usou a Congregação nascente para a regeneração de sua paróquia e, a respeito das Irmãs, assinala: “*fazendo delas operárias hábeis, capazes de auxiliá-lo. Elas pregariam pelo testemunho, enquanto ele pregava pela palavra*”²⁸. A posição anterior é mantida: os homens da Igreja tinham a palavra e às mulheres cabia executar a ação por eles ordenada a fim de auxiliá-los. A palavra *fundadora* é atribuída a essas mulheres, mas as irmãs são aí consideradas as mãos que agem para a cabeça que pensa e idealiza o projeto: o fundador. Apesar da manutenção dessas posições, alguns episódios ganham lugar diferenciado da obra anterior.

Conforme solicitação do bispo, o livro destaca as figuras de madre Hélène (Lucie de Josselin) e madre Stanislas (Eléonore de Bessières), aquelas que seguiram se revezando no cargo de superiores por quase 30 anos em harmonia. Entretanto, também apresenta um intrigante episódio de mulheres que, no interior da Congregação, se desviavam da norma. No livro anterior, quando a constituição e afirmação da Congregação ainda estava em andamento, as desviantes foram apagadas da história oficial. Elas retornam em Maurel. Quando biografias das superiores foram escritas pelas próprias freiras da Congregação, na década de 1990, elas também não aparecem. Embora Maurel não veja os desvios em sentido positivo e os apresente como exemplos da submissão e arrependimentos desejados, inversamente, podemos ler, aí, a busca por um lugar próprio. Vejamos o que narra Maurel.

Antes de madre Hélène e madre Stanislas, que em todas as memórias oficiais da Congregação figuram como primeiras madres, houve outra superiora, Matilde Rousset, a desviante que foi retirada do cargo. A situação é assim narrada pelo autor: “*A superiora usava mal de sua autoridade, dava ordens rigorosas e não atendia às observações de suas irmãs. Confiava somente em suas ideias e suportava com uma certa impaciência a direção de seu confessor*”²⁹.

²⁸ P.MAUREL, *Presença do jeito de Maria no Calvário*, p.13.

²⁹ P.MAUREL, *Presença do jeito de Maria no Calvário*, p.61.

Para que ela fosse retirada do cargo, Bonhomme precisou recorrer à mãe da religiosa, que a levou para o Convento de Santa Clotilde em Paris, junto a outras irmãs que lá estavam para aprenderem os ofícios desta instituição e depois retornarem a Gramat. Sem uma superiora para a Congregação, padre Bonhomme optou por antecipar os votos de Lúcia de Josselin (madre Hélène), que estava no noviciado há oito meses. Com a concessão do bispo, ela fez os votos e foi nomeada superiora aos 18 anos de idade.

O incidente com Matilde Rousset, porém, não parou por aí. Era preciso que as irmãs que estavam em Paris retornassem, pois, segundo Maurel, estava caro para a Congregação mantê-las em Santa Clotilde. Bonhomme desejava a volta de Cora Rousset (irmã de Matilde) e Eléonore Bèssières, a futura madre Stanislas. Mas a mãe das irmãs Rousset impedia a separação das filhas e alegava ser um absurdo nomearem uma jovem de dezoito anos como superiora de uma Congregação. Eléonore também se recusou a voltar. O fundador, então, partiu para Paris a fim de resolver a situação e, acompanhado do pai de Eléonore, trouxeram-na de volta para Gramat. Mais tarde ela também comporia a direção da instituição como madre Stanislas.

O episódio nos deixa entrever a mudança de planos de algumas irmãs e a resistência à autoridade do fundador e do confessor. Entretanto, como escritor da história oficial, padre Maurel conta que, pouco tempo depois, as irmãs Rousset escreveram para o bispo e, arrependidas, pediram para retornar à Congregação e obtiveram autorização. Essas primeiras irmãs figuram na narrativa desse autor como aquelas que se arrependeram, se resignaram e se submeteram à autoridade conferida a madre Hélène (Lucie de Josselin).

A insubordinação da primeira superiora levou a seu apagamento gradativo nas memórias da Congregação. Se ela é citada em Maurel, já não figura mais nas biografias do século XX escritas pelas próprias irmãs da instituição. Essas biografias são anônimas e têm uma função particular: servem como introdução a compilação das Circulares das Madres superiores. São sucintas e visam destacar aspectos da personalidade e da vida das primeiras Madres, para seguir, depois, para suas próprias palavras contidas em suas circulares. As biografias preparam o terreno para ação independente das madres. Sem retirar a importância de Bonhomme na constituição da Congregação, afirmam, contudo, que suas frequentes viagens em missões *obrigavam* as irmãs a permanecerem longos períodos sem sua presença. Um dos trechos da biografia de madre Hélène afirma que deixar a administração da instituição nas mãos das irmãs era desejo de Bonhomme: *“Com tais auxiliares ele [padre Bonhomme] podia estar seguro do futuro de sua obra. E procurou deixá-las bem livres no governo da comunidade.*

Suas frequentes viagens obrigavam as irmãs, muitas vezes, a agir sozinhas e sozinhas tomarem decisões."³⁰

Os textos biográficos e as circulares são copiados, traduzidos e distribuídos para todas as casas da Congregação. Embora construídos para a edificação da instituição, esses textos também deixam entrever pequenos desvios da norma ou, melhor ainda, a utilização da norma para a construção de um lugar próprio por parte de madre Hélène e madre Stanislas, o que pode ser verificado na ocasião da morte do fundador.

Após a morte de Bonhomme, cartas das irmãs indicam que elas desejavam continuar a administração da instituição sozinhas, o que não era muito comum em outras congregações femininas. Aquelas que nasceram no século XIX tinham sempre um homem à sua frente. Fosse ele posteriormente considerado fundador ou retirado dessa posição e considerado somente diretor espiritual, elas não eram de todo independentes. A tutela por parte de uma congregação masculina após a morte do fundador também já foi observada em outras congregações³¹. No caso da Nossa Senhora do Calvário, é possível notar, através das circulares e de extratos de cartas, o desejo dessas primeiras superiores de não se submeterem a uma congregação masculina.

Em 3 de dezembro de 1864, madre Stanislas escreveu a monsenhor Peschoud, o bispo que deveria decidir a favor ou não de uma tutela, procurando persuadi-lo de que poderiam continuar sozinhas:

Monsenhor, o venerado fundador havia organizado tudo, de modo que a superiora e seu conselho deveriam se ocupar, inteiramente, da Congregação; ele mesmo quis nos habituar deixando de certo modo proceder por nós mesmas em todas as coisas que podem ser de nossa competência. Esperamos que, agindo ainda sob sua influência, pois sua memória está profundamente gravada em nosso coração, as coisas poderão caminhar sem que lhe demos preocupações.

Jogando com as ideias de submissão e da influência do fundador, ela procura colocar a situação a seu favor. Stanislas utiliza-se de um código doutrinário e retórico específicos, enfim, de um vocabulário comum partilhado por ela e por seu interlocutor (assim como faziam os jesuítas em suas cartas³²), para convencer o destinatário a favor da manutenção de uma administração relativamente indepen-

³⁰ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Mère Marie Hélène e Mère Marie Stanislas*. Foi mantida a sintaxe e pontuação originais no caso das biografias, circulares e crônicas.

³¹ Como no caso da Sagrada Família de Bordeaux, cf., por exemplo P.LEONARDI, P. *Além dos espelho*.

³² Cf. J.A.HANSEN, O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega – 1549 – 1558. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*.

dente. A madre recorre a uma tática adequada para transformar um acontecimento em *ocasião*³³ de convencer seu interlocutor a tomar a decisão que ela deseja.

Em circular de 25 de outubro de 1861, enviada para todas as casas da Congregação, madre Hélène relatava sua visita ao bispo e a decisão final:

Vocês têm pressa de saber o resultado de nossa visita ao Bispo, e nós vimos satisfazer uma curiosidade tão legítima, ainda mais porque o que nós temos a transmitir é uma boa notícia. [...] Nós não seremos submissas a nenhum superior particular.

Assim, o intento obteve sucesso e as madres marcaram seu lugar. Elas desejavam continuar agindo livremente no governo da instituição, isto é, sem a tutela de uma congregação masculina e, para isso, utilizaram o limite dessa liberdade: códigos, normas e retóricas da Igreja a fim de convencerem seu interlocutor. Por enquanto, nos textos oficiais para difusão a um público maior só encontramos as irmãs rebeldes à margem ou apagadas definitivamente nos textos do século XX.

No Brasil: lugares e imagens

Quatro irmãs francesas foram enviadas para o Brasil e se instalaram em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde Dom Nery era bispo. O objetivo inicial de sua vinda para o país era a fundação de um colégio, uma possibilidade que se construiria também para as outras irmãs que não poderiam mais lecionar na França. Entretanto, durante um ano elas trabalharam na Santa Casa e no seminário da cidade, exercendo a função de enfermeiras e governantas. Após esse período, Dom Nery foi transferido para a diocese de Campinas, interior de São Paulo, e elas o acompanharam. Aí alugaram uma casa e abriram um Colégio que, mais tarde, se chamaria Sagrado Coração de Jesus.

Para a análise da situação das irmãs no Brasil, tanto em Pouso Alegre quanto em Campinas, há uma fonte preciosa: as crônicas. Após dez anos de trabalho no país, as calvarianas iniciaram a construção de suas memórias em três volumes manuscritos e anônimos (exigência de humildade) intitulados *Histoire des fondations brésiliennes*. Aí se lê os motivos da partida para o Brasil, o processo de escolha das irmãs que partiram, as conquistas e dissabores das freiras desde sua chegada, as tensões com bispos, padres e leigos. O primeiro volume se endereça às madres superiores da Congregação como uma “*modesta homenagem de respeitosa afeição e filial obediência das filhas do Brasil*”. Apesar de todo o controle que isso poderia suscitar, as crônicas oferecem o melhor panorama de como as irmãs se posicionavam

³³ Cf. M. CERTEAU, *A invenção do cotidiano*.

na nova terra e de como construíram seu lugar em relação aos homens com os quais se relacionavam e aos quais eram subordinadas.

A irmã calvariana autora dessa crônica parece utilizar a escrita para a compreensão de si. Mesclando notícias sobre suas ações a uma fala como *imago* ou pintura³⁴, o texto também é ocasião do auto-exame no qual, muitas vezes, a narradora mistura imagens para compor as suas próprias. Assim, se a partida para o Brasil aparece na crônica como um dilema para muitas daquelas que foram escolhidas, pitadas de audácia foram colocadas e a força da *femme forte*³⁵ aparece na aceitação da vontade divina expressa no convite da superiora. Uma força que será mesclada à coragem viril à medida que a crônica avança e outros personagens e imagens se agregam à narrativa.

Nas primeiras páginas que contam a chegada e primeiros meses no Brasil, o texto povoa-se de imagens: bandeirantes e missionários que avançavam por florestas, cheios de histórias fantásticas. A imagem do bandeirante como conquistador do sertão encantou a autora da *Histoire*. Foram eles que deram o nome à cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais, para onde se dirigiram as irmãs quando chegaram ao Brasil. Ela também sabia que, reduzindo índios a escravos, expulsavam os espanhóis e encontravam ouro e diamantes, seu objetivo final³⁶ (*Histoire*, v. I, f. 29). A partir dessa imagem, a cronista utilizou alguns elementos para compor uma imagem de seu grupo:

Nossa ambição, Irmãs de N. S. do Calvário, é diferente. Com o ouro da castidade nós queremos comprar as almas dos pobres, mergulhá-las na torrente da graça divina, no cadinho da misericórdia infinita. Nós queremos ser também as bandeirantes com a cruz por bandeira, a qual deve ter por haste a esperança.³⁷

Está claro que a agressividade e o ímpeto dos bandeirantes são transportados para as freiras e com um uso diferenciado e aceitos em uma mulher, sobretudo em uma religiosa. Obviamente o texto era para ser lido pela superiora e servia a edificação. Mas, podemos nos perguntar se um padre, escrevendo a memória da congregação, faria tal comparação das irmãs com os bandeirantes. Em textos escritos posteriormente e nos quais se observa a utilização das crônicas como fontes, esses trechos não foram selecionados.

³⁴ Mais uma vez, como no caso das cartas jesuíticas (cf. J.A.HANSEN, O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega – 1549 – 1558. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*).

³⁵ A imagem da *femme forte* é comum em textos bíblicos e aparece frequentemente no texto de religiosas, como Maria de L'Incarnation (cf. N.Z.DAVIS, N. Z. *Nas margens*).

³⁶ Cf. *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 29.

³⁷ *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 30.

Conforme observou CERTEAU, “a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”.³⁸ Ao reconstruir as imagens, a cronista rememorava e criava instrumentos de apropriação³⁹. Diferentemente da memória como comemoração no espetáculo, a rememoração faz parte de um processo individual que pode levar a uma descoberta de si⁴⁰. Em toda a crônica, momentos de reflexão e elaboração de personagens em um cenário específico se entrelaçavam em indagações sobre o passado para se compreenderem e se posicionarem em direção ao futuro.

Além dos bandeirantes, que figuravam nas páginas iniciais, as histórias ouvidas a respeito dos padres Anchieta e Manoel da Nóbrega, ou mesmo de outros missionários que as visitavam, estavam presentes nos três volumes da *Histoire*. A narradora conta a respeito da crença de que esses dois padres velavam para que os missionários não fossem atacados por bestas ou cobras. A fim de constatar essa proteção, a cronista expõe diversas histórias de missionários que escaparam desses ataques. Dentre eles, uma das irmãs é citada: “*Quantas vezes madre Louis Joseph, que tinha um cuidado todo especial com seu jardim, quantas vezes trouxe uma serpente em sua cesta de saladas sem que o mal lhe pegasse...*”.⁴¹

Na crônica, os missionários aparecem catequizando os índios, vencendo as barreiras e prevenções contrárias às suas ações, sofrendo injustiças por parte dos governadores portugueses e terminando por serem expulsos pelo Marquês de Pombal. Histórias extraordinárias e interessantes que as Irmãs desconheciam e que, quando um missionário passava pela comunidade sem se demorar muito tempo, elas lamentavam não poderem ouvir as “*agradáveis conversas sobre as missões*”⁴² (*Histoire*, v. II, f. 16).

Identificando-se com eles, sonhavam realizar as mesmas proezas. No ano de 1915, a narrativa começa da seguinte forma:

1915 chega. A visita de diversos missionários tem por resultado aumentar nossos desejos de apostolado. Nós gostaríamos decuplicar nossas forças, o que seria melhor ainda, decuplicar o pessoal. Um queriam ir ao sertão com os selvagens, outras à vila. É unicamente a guisa de passatempo que nós exprimimos esses desejos nas recreações. Pois nós temos para o momento bastante trabalho de lavra com nossas queridas crianças.⁴³

³⁸ M. CERTEAU, *A invenção do cotidiano*, p.226.

³⁹ Cf. PRICOEUR, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*.

⁴⁰ Cf. W.BENJAMIN, *Sociologia*; M. CERTEAU, *A invenção do cotidiano*.

⁴¹ *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 71.

⁴² *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 16.

⁴³ *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 189..

Gradativamente, a *femme forte*, os bandeirantes e os missionários se misturam para compor uma outra imagem. Em 1917 a cronista fazia um elogio à superiora no Brasil, madre Pierre, que organizava uma reforma para a ampliação do colégio de Campinas: “É suficiente apreciar sua virtude, sua coragem de homem que não se deixando rejeitar por nenhuma dificuldade, impelindo no amor de Deus e da família religiosa, essa força generosa que toda alma deve desejar para si”.⁴⁴

ROGERS já chamou a atenção para o fato do engajamento religioso aparecer como masculino: Eugénie Milleret, fundadora da Congregação da Assunção estudada por esta autora, também desejava *ser homem* para realizar as coisas como eles⁴⁵. Nas passagens da crônica nas quais o cenário é a cidade de Campinas, madre Pierre, superiora da Congregação no Brasil, aparece como aquela que tem uma “*coragem viril*”⁴⁶. Embora essa coragem não seja vista pela autora como algo *natural* à mulher, mas sim ao *homem*, a cronista afirma que *toda alma*, qualquer pessoa, homem ou mulher, deveria *desejar para si a força generosa* que impele madre Pierre e, na qual, a coragem viril é apenas um elemento. Além de uma virtude masculina, há outros elementos que promovem essa força que são o amor em Deus e em sua família religiosa.

Os episódios narrados em Campinas procuram, de modo geral, afirmar a necessidade da coragem masculina nas irmãs. A cronista revela que as relações com bispos e leigos exigiam um posicionamento firme por parte das religiosas a fim de manterem não só o controle da instituição, mas garantir sua ampliação da forma que desejassem.

No início de suas atividades nessa cidade, Monsenhor Campos, prelado de Campinas que conhecia as Irmãs através de Dom Nery, ofereceu um salário de 50 réis por mês para cada uma, quantia que, segundo a cronista, se pagava normalmente a uma cozinheira e que lhes parecia um bom valor. Mas “*aceitar isso seria se colocar sobre uma tutela boa em si, não tenho nada contra*” – afirma a autora – “*mas que teria entravado todo progresso, removido toda liberdade de agir... isso não seria admissível*”⁴⁷. Evitando qualquer forma de ingerência dentro da instituição, a narradora vangloriava-se de um início modesto sem o auxílio do padre: “*Mil francos mal constituíram o fundamento material sobre o qual ela edificou um Colégio que, 5 anos depois, pôde dar a Nossa Reverenda madre Marie Suzanne, quando de sua visita, um consolador espetáculo...*”⁴⁸

⁴⁴ *Histoire des fondations brésilienne*, v.II, f. 38.

⁴⁵ Cf. R.ROGERS, Les enseignantes religieuses et laïques au XIXe siècle: vocation ou activité professionnelle? In CAUSER, Jean-Yves (ed), *Metier, identités professionnelles et genres*.

⁴⁶ *Histoire des fondations brésilienne*, v.I, f. 118

⁴⁷ *Histoire des fondations brésilienne*, v. I, f. 119 bis.

⁴⁸ *Histoire des fondations brésilienne*, v. I, f. 118.

Por outro lado, os contatos com a elite campineira favoreceram o desenvolvimento do projeto de um Colégio próprio. Logo que chegaram à cidade, a irmã de monsenhor Campos levou a superiora, madre Pierre, para visitar “*as mais dignas famílias*”. Nessas casas, conta a cronista, podiam se expressar em francês e, mesmo que as pessoas não pudessem responder nessa língua, as compreendiam. As irmãs, assim, limitavam a presença do religioso e sua ingerência na Congregação, mas, ao mesmo tempo, utilizavam sua influência.

Em breve, o colégio se povoou de alunos das “*melhores famílias*” de Campinas, filhos de proprietários de terras e políticos da cidade. Dessas famílias, no entanto, a autora da crônica dizia que alguns herdavam “*certa distorção moral*”, como, por exemplo, os filhos de um pai ateu e uma mãe que havia sido educada no Colégio das Irmãs de São José de Chambéry em Itu, mas que havia se distanciado da religião após o casamento. Em sua opinião, os três filhos que entraram no colégio não progrediram moralmente.

Entretanto, essa *distorção* era aceita ou tolerada pelas irmãs e revelava a profícua aliança entre uma parte da oligarquia e a Igreja Católica: dirigentes e políticos liberais que mantinham suas filhas em colégios católicos.⁴⁹ Esse fato já foi observado em colégios como o Patrocínio em Itu⁵⁰ e o Puríssimo em Rio Claro⁵¹. Fossem eles da tradicional elite paulista, como no caso do primeiro, ou da *nova elite*, composta por proprietários de terra recém-enriquecidos, como no caso do segundo, a modernidade não era desejada para a educação de suas filhas.

A autora da *Histoire* apresenta uma leitura dessa situação quando o apoio do bispo pendeu para obras leigas:

D. Nery sendo visto censurar por dar sua predileção as estrangeiras, no exílio se sente por vezes a amargura dessa palavra, e sofrendo sem dúvida a influência de homens políticos, ele desejou atrair para si as boas graças do prefeito que foi o fundador do Colégio Progresso. Nós podemos crer caridosamente que ele julgou precisar dessas boas graças para seu bispado nascente. Pois se no Brasil há separação legal entre a Igreja e o Estado, há grandes relações entre as duas sociedades, a divina e a humana. O que quer que seja, nós experimentamos a triste inversão dos espíritos e dos corações, e isso nos foi muito duro, de ser assim abandonadas por aquele que nos tinha feito vir, daquele que nós amamos e servimos, e pelo qual nós fomos tão devotadas em Pouso Alegre...

⁴⁹ Havia também grupos republicanos que faziam suas alianças com protestantes, como Rangel Pestana, por exemplo. Cf. M.L.S. HILSDORF, *Rangel Pestana: jornalista, político, educador*.

⁵⁰ Cf. I.MANOEL, *Igreja e educação feminina (1859-1919)*.

⁵¹ Cf. P.LEONARDI, Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem. In: *Pró-Posições*.

Ele passou mesmo 6 meses sem vir ver nossas crianças enquanto que a cada 15 dias ele ia ao Progresso dar uma aula...⁵²

O Colégio Progresso, fundado por iniciativa de republicanos (dentre eles o nome mais lembrado é Orosimbo Maia), seguia o currículo oficial, mas também oferecia aulas de moral e educação religiosa sem, com isso, abrir mão do progresso científico⁵³. Entretanto, no plano simbólico, estava no extremo oposto aos colégios católicos. A autora acreditava que Dom Nery não agia por vontade própria ou suavizava a informação? O que o bispo tentava fazer ao frequentar o *Progresso* era equilibrar influências e posições políticas a fim de beneficiar seu bispado. Embora bem posicionadas e com o colégio progredindo, as irmãs dependiam simbolicamente da figura do bispo. Em seus relatos, essas tensões aparecem claramente, ao passo que são apagadas das narrativas oficiais.

Dois anos depois desse fato, outra querela entre as irmãs e o bispo foi narrada na *Histoire*. As irmãs desejavam comprar o prédio que era destinado ao jardim da infância e que pertencia ao bispado, entretanto, as negociações não as favoreciam, segundo a cronista: “*As dificuldades surgiram sem cessar, e depois de oito meses de negociações nós somos ainda locatárias. As condições de venda parecem ter sido esquecidas e se valoriza a casa não em nosso favor...*” (*Histoire*, v. II, f. 145) A autora parecia suspeitar que o bispo poderia pedir o prédio para a fundação de um colégio para meninos: “*As visitas que nós fazíamos a Dom Nery com o objetivo mesmo de negociar o caso em questão nos mostrava nosso bispo movido por uma vontade outra que não a sua, e não em nosso favor...*”⁵⁴

Novamente, a autora nos deixa uma dúvida impressão: ao dizer que ele é “*movido por uma vontade outra que não a sua*”, ela afirmava que Dom Nery era manipulado ou ela tentava, como dever caridoso, atenuar sua responsabilidade sobre o caso? Independentemente dessa resposta, o que interessa é a ação das irmãs para resolver o conflito. Elas apressaram a compra e, mediante um empréstimo feito com monsenhor Campos, compraram o prédio em 1912.

No final desse mesmo ano há, ainda, mais um episódio a respeito das relações das irmãs com homens da Igreja e leigos. Dom Duarte, arcebispo de São Paulo, esteve presente nas cerimônias do final de ano no Colégio de Campinas. Esse contato rendeu um convite às Irmãs para fundarem um colégio para surdos em São Paulo. Mas, já experimentadas em suas relações com o bispo de sua cidade, a cronista escrevia em 1913:

⁵² *Histoire des fondations brésilienne*, v. I, f. 119.

⁵³ Cf. A. B. B. UHLE, Orosimbo Maia: cultura e política no final do século XIX. In: *Pró-Posições*.

⁵⁴ *Histoire des fondations brésilienne*, v. II, f. 145 bis.

Em março as negociações foram empreendidas entre nossas mães e o arcebispo de São Paulo, D. Duarte. Senhores caridosos querem consagrar uma parte de sua imensa fortuna para a fundação de uma instituição de surdos-mudos. Há alguns dias tudo nos parecia bonito; o zelo das almas e o desejo da extensão de nossa querida comunidade nos fazem ter ilusões de ótica moral. Mas as coisas seriamente estudadas nos levam para a prudência.⁵⁵

As ilusões de ótica moral soam como questionamento e denúncia. A partir de seus julgamentos, as irmãs, como negociadoras, faziam escolhas e mantinham-se à distância, observando seus interlocutores e desconfiando de suas intenções.

Além das negociações travadas com bispos, padres e leigos, há, finalmente, outro ponto revelador de um lugar próprio que aparece na crônica. Audácia e coragem também se juntavam a ação catequizadora das irmãs junto aos doentes. Não autorizadas ao uso público da palavra, as irmãs confessavam, pregavam e convertiam nos espaços privados. Assim nos conta a narradora da crônica a respeito de suas ações no hospital de Pouso Alegre. Muito mais próximas das pessoas que os próprios padres, longe da severidade e do ritual do confessorário, elas escutavam muito mais e pregavam à sua maneira, pela catequese e por uma espécie de confissão informal. A cronista revela para o leitor um espaço de trânsito, de tomada de posições e de construções pouco conhecido a respeito de religiosas.

Considerações finais

Neste artigo, com o objetivo de identificar sinais da construção de um lugar próprio construído por religiosas católicas, debruçou-se sobre as memórias das congregações. Como vimos, mesmo os textos produzidos para compor a memória oficial das congregações e, no caso em análise, escritos por padres, apresentam esses vestígios. Na tensão e nas disputas em torno da memória, seja para apagamento das individualidades ou para ressaltá-las como exemplo, do bem ou do mau, se identifica a tensão por espaços de poder, pela direção da instituição. Ao narrar o caso de Matilde, mesmo que a título de mau exemplo que depois se converteu em submissão e retorno à norma, Maurel apresenta-nos uma desviante. Se chegássemos aos cadernos de anotações de Matilde, que possibilidades teríamos de conhecer sua vida dentro dessa congregação e as suas aspirações!

As táticas para permanecerem sozinhas, sem a tutela de uma congregação masculina, aparecem também nas cartas e circulares das superiores. A crônica, embora também escrita para fins exemplares e de edificação, permite ao pesquisador uma aproximação ainda maior dessas mulheres. Nela vemos imagens masculinas

⁵⁵ *Histoire des fondations brésilienne*, v. II, f. 115.

utilizadas para compor a imagem da freira, as tensões com as autoridades e o uso privado da palavra. Longe da ingenuidade de ação que comumente se imagina sob o hábito e que se mostra nas memórias oficiais, as freiras negociavam com as autoridades masculinas e trabalhavam na conversão através do uso privado da palavra.

A própria ação da escrita da crônica, assim como de outros documentos ainda desconhecidos dos pesquisadores, revela também a construção de um lugar próprio de onde a freira fala, mas que também permanece interno à congregação, deixando escapar somente alguns pequenos indícios de suas posições negociadas para os textos oficiais. A crônica como tal, em estado bruto, não serve a edificação, não serve a imagem pública da congregação, mas apresenta vestígios de uma construção diferente daquela difundida publicamente. Elas tinham escolhas e utilizavam a norma a seu favor. Eles indicam o pouco conhecimento que temos a respeito da ação dessas mulheres no Brasil. Alcançar esses documentos seria o desafio para pesquisas futuras a respeito deste tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZI, R. (org). *A vida religiosa no Brasil*. Enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BENJAMIN, W. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- BEOZZO, J. O. et all. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOUREAU, A. *L'événement sans fin*. Récit et christianisme au Moyen Age. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- CABANEL, P.; DURAND, J-D. *Le grand exil des congrégations religieuses françaises*. 1901-1914. Paris: Les Éditions du CERF, 2005.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. *La fable mystique*. Paris, Gallimard, 1960.
- CERTEAU, M. *La faiblesse de croire*. Texte établi et présenté par Luce Giard. Paris: Éditions du Seuil, 1987.
- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Celebrando Cem Anos*. CD, Traduzido do Stabat de 1932 – 1934, divulgação interna.
- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Padre Pedro Bonhomme*. Sua vida, sua história. Conteúdo do CDR. 2001
- CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. *Mère Marie Hélène e Mère Marie Stanislas*. Primeira e segunda superiora geral (1861-1889). Dados pessoais. Circulares.
- Diário de Campinas*, 3ª parte, 29 juin 1918 – 19 juin 1921. Manuscrito.
- FAVRE, P. *Memorial*. Traduit et commenté par Michel de Certeau. Bruges: Desclée de Brouwer, 1960.
- COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: revisitando o debate. In: *Caderenos Pagu*, 19, Campinas-SP, 2002, pp. 50-90.

- DAVIS, N. Z. *Nas margens*. Três mulheres do século XVII. São Paulo, Companhia das Letras, 1997
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- HANSEN, J. A. O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil. Nóbrega – 1549 – 1558. In: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 38, 1995, pp. 87-119.
- HALBWACHS, M. *La mémoire collective*. Édition critique établie par Gérard Namer. Paris: Éditions Albin Michel, 1997.
- HERVIEU-LÉGER, D. ; WILLAIME, J-P. *Sociologies et religion*. Approches classiques, Paris: PUF, 2001.
- HILSDORF, M.L.S. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. Dissertação de mestrado: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1977.
- HILSDORF, M.L.S. *Rangel Pestana: jornalista, político, educador*, Tese de doutorado, São Paulo: FEUSP, 1987.
- Histoire des fondations brésiliennes*. 1916. Manuscrito.
- Journal de la Maison de Campinas, État de Saint Paul, Brésil*. 2eme volume, 29 octobre 1916 – 29 juin. Manuscrito.
- LANGLOIS, C. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle, Paris : Les Editions du Cerf, 1984.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEONARDI, P. Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem. In: *Pró-Posições*, 44, Campinas, 2004, pp.77-87.
- LEONARDI, P. *Além dos espelhos: memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MANOEL, I. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da Unesp 1996.
- MAUREL, P. *Presença do jeito de Maria no Calvário*. Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário de Gramat: desde suas origens, 1833, até 1900, São Paulo: Loyola, 1999.
- MICELI, S. *A elite eclesiástica brasileira*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.
- MONGRELET, B. *La vie de l'abbé Pierre Bonhomme, fondateur de la Congrégation de Notre Dame du Calvaire a Gramat (Lot) 1803-1861*, Paris : J. Mersch, Edito, 1892.
- RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- ROGERS, R. *Femmes savantes et femmes studieuses*. Une histoire culturelle de l'éducation des jeunes bourgeoises au XIXe siècle, Manuscrit présenté en vue de l'habilitation à diriger des recherches. Université de Paris I. Décembre 2001.
- ROGERS, R. Les enseignantes religieuses et laïques au XIXe siècle : vocation ou activité professionnelle? In CAUSER, Jean-Yves (ed), *Metier, identités professionnelles et genres*, Paris, L'Harmattan, 2007.
- ROSADO-NUNES, M. J., *Freiras no Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- UHLE, A. B. B. Orosimbo Maia: cultura e política no final do século XIX. In: *Pró-Posições*, 25, Campinas, 1998, pp.72-95.